

Leandro Gomes de Barros

O GACHORRO DOS MORTOS



[OBRA COMPLETA]

PREÇO 1\$000 rs.

AGENTES.

Parahyba (Capital) — F. C. Baptista & Irmão.

Em Rio Branco — Manuel Vianna

Em Manaus — Benjamin Cardozo

Em Caruarú — João de Barros.

Em Pesqueira — José Liberal.

Em Sta Luzia (Parahyba) — José Nunes de Figueirêdo

Em nossa biblioteca particular encontra-se vinte e tantas qualidades de folhetos deste autor,

Remete-se pelo correio mediante a importancia, qualquer quantidade para qualquer Estado

O autor reserva o direito de propriedade.

--Rua do Alecrim nº 34 Recife

Leandro Gomes de Barros

O Cachorro do tecto

(3ª EDICÃO COMPLETA)



Preço 1\$000 reis

EDITORES

Pedro Baptista & C^ª.

17, Rua 7 de Setembro, 17—Guarabira
Estado da Parahyba do Norte

1919

~~~~~

O EDITOR E PROPRIETARIO  
RESERVA OS DIREITOS DE RE-  
PRODUÇÃO DE ACCORDO COM  
O ARTIGO 649 DO CODIGO CIVIL.

## Retrato do auctor



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1865, no Municipio da  
Villa do Pombal, Estado da Parahyba e  
falleceu á 4 de Março de 1918, no Recife.

## AVISO

---

Tendo conhecido o poeta Leandro Gomes de Barros, passou a me pertencer a propriedade material de toda a sua obra litteraria. Se a mim, pois, cabe o direito de reprodução dos folhetos do dito poeta, acudo-me habilitado a agir dentro da lei contra quem commetter o crime de reprodução de ditos folhetos.

Revino ás pessoas que negociam com folhetos, que tenho em depósito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelos preços mais resumidos possiveis, dando boa commissão.

PEDRO BAPTISTA

Guarabira, Estado da Parahyba do Norte.

### Livraria Pedro Baptista

---

Rua 7 de Setembro N. 17



## O Cachorro aos Mortos

---

Os nossos antepassados  
Eram muito prevenidos,  
Diziam: mato tem olhos,  
As paredes têm ouvidos,  
Os crimes são descobertos  
Por mais que sejam escondidos.

Em oitocentos e seis,  
Na provincia da Bahia,  
Distante da capital  
Tres leguas ou menos seria,  
Sebastião de Oliveira  
Alli n'um canto vivia

Elle, a mulher, duas filhas,  
Um filho homem já feito,  
O rapaz era empregado  
E estudava direito,  
O velho não era rico  
Mas vivia satisfeito.

As duas filhas eram moças  
Honestas e trabalhadoras,  
Logravam na capital  
O nome de encantadora  
Chamava a atenção de todos  
As grandes tranças tão louras

Esse velho era ferreiro  
E ferreiro habilitado,  
Vivia alli do officio,  
Plantando e criando gado,  
Por tres vezes enjeitou  
O cargo de delegado.

Havia um visinho d'elle  
Eliasario Amorim,  
Esse tinha um filho unico  
Da especie de Caim,  
Emquanto o espanhol velho  
Até não era ruim

O filho d'esse hespanhol,  
Uma féra carniceira  
Veiu provocar namoro

Com as filhas de Oliveira,  
Uma d'ellas disse a elle:  
De nós não ha quem o queira.

Elle lhe disse: não sabes  
Que meu pae possui dinheiro,  
Em terras e criações  
E' o maior fazendeiro;  
Ella disse: o meu é pobre;  
Planta, cria e ferreiro.

Minha mãe tece de ganho,  
Nós vivemos da costura,  
Papae vive da sua arte  
E de sua agricultura,  
Meu irmão é empregado  
Para que maior ventura?

O seductor conheceu  
Seus planos serem de balde  
E só podia vencel-as,  
Por meio de uma falsidade,  
Que é a arma mais prompta  
Aonde existe a maldade.

Sahiu d'alli Valdevino  
Fedendo a xifre queimado  
E Angelita ficou  
Com o coração descançado  
Nem disse aos outros da casa  
O que tinha se passado.

Elle pensou em forçal-a  
Mas pensou no resultado,  
Devido ao pae de Angelita  
Ser muito considerado,  
O filho pelo governo  
Era tão conceituado,

Exclamava elle consigo :  
Oh! Angelita é tão bella!  
Eu não succederei mais  
E nem me esquecerei d'ella,  
Farei tudo para vencel-a,  
Porém não caso com' ella.

Mas Valdevino temia  
O pae d'ella e o irmão  
Que o governo da provincia  
Tinha-lhes muita attenção.  
O rapaz era empregado  
E tinha condecoração.

Valdevino inda pensou  
Que matando á Floriano,  
Podia calçar com ouro  
Todo governo bahiano,  
Ainda que entrasse em jury  
Não pegava nem um anno.

Ou poderia matal-o  
Occulto n'uma emboscada  
Porque ninguem vendo o crime

Elle não soffria nada,  
Defuncto não conta historia;  
Estava a questão acabada.

Havia alli um engano  
Entre Victoria e Bahia  
A divisão das provincias,  
Alli ninguem conhecia,  
Sebastião de Carvalho  
Era o unico que sabia.

O governo da provincia  
Tendo aquella precisão  
Disse um dia: Floriano  
Você vá em commissão  
Chamar seu pae para vir  
Mostrar a demarcação.

Valdevino de Amorim  
Viu Floriano passar,  
Escolheu o logar proprio  
Onde o pudesse emboscar,  
Dizendo dentro de si:  
Elle não póde escapar.

A féra foi emboscal-o  
Onde havia uma ipoeira  
Carregou um bacamarte  
Fez d'uma arvôre trincheira,  
Distante um quarto de legua  
Da fazenda d'Oliveira.

O rapaz chegou em casa  
O velho tinha sahido,  
Foi ver se achava um jumento  
Que a tempo era sumido,  
Um amigo lhe escreveu  
Que lá tinha parecido.

O Floriano chegou  
Depois que o velho sahio,  
Nessa tarde não voltou  
Com a familia dormiu,  
Deu o recado á mãe d'elle,  
De madrugada seguiu.

Calar um cachorro velho  
Que o mesmo Sebastião criou  
Vendo Floriano sahir,  
Calar o acompanhou,  
Floriano o quiz voltar  
Porém Calar não voltou.

Passava alli Floriano  
A féra então o enfrentou ;  
Disparou-lhe o bacamarte  
Sem vida em terra o lançou  
Calar partiu ao sicario  
O assassino o amarrou.

As moças lá da fazenda  
Ouviram grande estampido,  
Angelita se assustou,

Dizendo : o que terá sido?  
O tiro foi para o lado  
Que seu irmão tinha ido.

Angelita convidou  
A sua irmã Esmeralda  
Dizendo : vamos  
A passeio pela estrada ;  
Aquelle tiro que deram  
Deixou-me sobresaltada.

No seculo, naquelle tempo,  
Podia uma moça andar.  
Passavam-se dois, tres mezes  
Sem um homem alli passar,  
Por isso foram ellas duas  
Não tinham o que receiar.

Iam alli conversando  
Sobr'a aragem matutina,  
Disse Esmeralda á irmã :  
Olha para o céu menina,  
Estás vendo aquella estrella  
Como tem a luz tão fina?

Chegaram, aonde o irmão  
Estava morto, na estrada.  
O criminoso, do matto  
Atirou em Esmeralda,  
E enfrentou a Angelita  
Dizendo : não diga nada!

Angelita muito pallida  
Sem estar esmorecida,  
Vendo os dois irmãos já mortos  
Por uma mão homicida,  
Lhe disse monstro tyranno  
Eu morro e tu sou vencida...

Elle lhe disse: Angelita,  
Com tudo isso eu sou teu!  
Foi dar-lhe um beijo nos labios,  
E Angelita o mordeu,  
Elle cravou-lhe o punhal  
Ella ahi esmoreceu.

Pondo a mão na punhalada  
Disse: monstro desgraçado  
Aquelle velho cachorro  
Que está alli amarrado  
Descobrirá este crime  
E tú serás enforcado.

Olhou para um gamelleiro  
Que tinha junto á estrada  
Dizendo: e tu gamelleiro,  
Vistes a scena passada;  
E's uma das testemunhas  
Quando a hora fôr chegada.

Já na ultima agonia  
Exclamou: «monstro assassino,  
Tiraste agora tres vidas

E não saceias o destino  
Isso eu te hei de lembrar  
Perante ao Juiz Divino.

Não julgues que fique impune  
Este sangue no deserto,  
Tú não vês tres testemunhas  
Que estão aqui muito perto?  
Estas perante ao publico  
Irão depôr muito certo.

Disse o devino: és louca  
Quem viu o que foi passado?  
Disse Angelita: «este cão  
Que está alli amarrado,  
A gamelleira e as flores  
Dirão no dia chegado.»

Olhou para o cão e disse:  
«Olha meu velho Calar,  
Tú dirás tudo ao juiz  
Sem elle a ti perguntar  
Esta velha gamelleira  
Fica para te ajudar.

E essa flor que por ella  
Ha festa aqui todo anno,  
Ha de tirar a justiça  
De uma suspeita ou engano,  
Dirá ao Juiz venha ver  
Quem matou a Floriano!

As tres vidas que roubastes  
Pagarás com tua vida,  
Tú has de te arrependeres  
Depois da causa perdida.  
Uma lagr. ma de dôr  
Será por teu pae vertida.

Com teu, n. tro perdôo-te  
Porque fui e sou cristã  
A morte de meu irm  
A minha e a de minha mã;  
Tú hoje matas a mim,  
Outro te mata amanhã.»

E pondo a mão sobre uma  
Das punhaladas que tinha  
Disse e calar: «se fugires,  
Consola minha mãezinha  
E lhe digas que abençõe  
Os pobres filhos que tinha.

«—hora que tú não fales  
Pois não te foi concedido  
Mas um olhar bem lançado,  
Dá a Idéa d'um sentido  
Um uivo ou um olhar  
Póde ser comprehendido.»

E alli serrando os olhos  
Quasi a sorrir expirou  
O assassino a olhando

Chorando se retirou  
Depois pensou, isso é nada  
Com toda calma voltou.

Já estava frio o cadaver  
Porém nas faces mimosas  
Via-se perfeitamente  
Desenho de duas rosas  
Como que fossem pintadas  
Por mão das rosas curiosas.

Em Esmeralda se via  
O sangue ainda sahindo,  
Vestigio de zombaria  
Como quem morre sorrindo.  
Como creança brincando  
Finge que está dormindo.

O rapaz banhado em sangue  
Bem no centro da estrada  
A' esquerda de Angelita  
A' direita de Esmeralda,  
Com uma mão sobre a ferida  
A outra mão estirada.

Valdevino tinha á noite  
Escreto n'uma carteira  
—Eu: hoje hei de matar  
Floriano de Oliveira,  
Se não matal-o me mato  
Será minha derradeira.

Datou-a, assignou o nome,  
Pegou a arma e sahiu  
Se encostou no gamelleiro  
A carteira escapoliu  
Havia um ôco na arvore  
Nella a carteira cahiu.

A fada não se lembrou  
Da testemunha occulta  
Perdendo aquella creatura  
Alguem a podia achar  
Ella na mão da justiça  
Quem poderia o salvar?

Porém uma força occulta  
Permittiu que elle perdesse  
Foi a mesma força impôz  
Que elle d'ella se esquecesse  
Para dizer ao seu tempo :  
—O assassino foi esse.

Calar, o pobre cachorro,  
Que aquelle espectaculo via  
Soltava uivos enormes,  
Que muito ao longe se ouvia  
Reznava e fitava os olhos  
Debalde a corda mordia.

Valdevino alli puchando  
Um facão muito afiado  
Descarregou no cachorro,

Um golpe encolerizado,  
Errou e cortou-lhe a corda  
Com que estava elle amarrado.

Valdevino ficou triste  
Vendo o cachorro corado,  
Lembrou-se do que a angelita  
Disse antes de morrer,  
Porém disse: elle não fala  
Como pode a dizer?

Calar chegou na fazenda  
Uivando desesperado,  
D. Maria da Gloria  
Já tinha se levantado  
Quando ouviu o cão uivando  
Ahi cresceu lhe o cuidado.

E foi procurar os filhos  
Onde ouviu os estampidos  
Calar foi adeante uivando  
Com enormes alaridos  
D. Maria da Gloria  
Ia aguçando os ouvidos.

Como não foi seu espanto  
Quando chegou ao logar  
Onde achou os filhos mortos  
Sem nada alli atinar,  
Calar sabia de tudo  
Mas não podia falar.

Voltou Maria da Gloria  
N'um triste e penoso estado  
Já Sebastião em casa,  
A esperava sentado  
Não sabia da desgraça  
Que a mãe tinha se dado.

Perguntou pela família,  
Ella não pôde contar.  
Disse apenas: morreu tudo,  
Apontou para o lugar,  
Estendeu-se sobre o chão  
Sem nada mais contar.

Sebastião de Oliveira  
Foi por onde a mulher veio  
Achou o poço de sangue  
Os filhos mortos no meio  
Olhou para o céu e disse:  
Oh! meu Deus! que quadro feio.

Foi perguntar á mulher  
Como aquillo assim foi dado  
Ella apenas lhe contou  
O que tinha se passado  
Deixando o pobre ancião  
Aflicto e impressionado.

Montou n'um burro e sahiu,  
Dalli para a capital  
Logo que chegou na cidade

Foi ao quartel general  
Lá falou quasi uma hora  
E nada disse afinal.

Depois de muita insistencia  
O presidente entendeu  
Perguntou por Florentino  
Elle lhe disse: morreu  
Elle e a família toda,  
E contou o que aconteceu

A justiça toda foi  
Ver o que tinha se passado;  
Encontraram os 3 cadáveres  
O chão em sangue banhado,  
Calor ainda estava vivendo  
Junto dos mortos deitado.

Foram á casa de Oliveira  
Ver se Maria da Gloria  
Dava um roteiro que ao menos  
Se calculasse uma historia  
Ella contou esta mesma  
Que elles guardaram em memoria.

D. Maria da Gloria  
Dois dias depois morreu  
Sebastião de Oliveira  
Em tres dias enloqueceu  
Dentro de duas semanas  
Tudo desapareceu.

A justiça da Bahia  
Não cessou de procurar.  
Espalhou por toda parte  
Secretos a indagar.  
Não havia uma pessoa  
Que dissesse: eu vi matar.

...ava dez contos de réis  
Na moeda que quiz...  
A pessoa que chegasse  
E seriamente dissesse.  
Teria mais um terreno  
A pessoa que soçoesse.

Porém o crime se deu  
Quando alli ninguém passava.  
...saber sabia de tudo  
Porque no crime elle estava  
Se falasse descobria;  
Desejo não lhe faltava.

Impressionava a todos  
Habitantes da cidade  
Como deu-se aquelle crime  
N'aquella localidade  
Florianópolis de Oliveira  
Tudo lhe tinha amisade.

Attribuí-se a um roubo  
Por algum aventureiro,  
Mas o rapaz costumava

A não andar com dinheiro,  
Questão de moça não era,  
Elle era bem justiceiro.

Os moradores de perto  
Eram todos conhecidos  
Compadres delle e do...  
E por elles protegidos  
Tanto que dar-se o crime  
Todos ticarar sentidos.

Eliasar era um d'esses  
Aborto, que tem haído  
Um d'esses que o pão que come  
Se considera estruído;  
Fazer-lhe mal é peccado,  
Fazer-lhe o bem é perdido.

Esse era fazendeiro  
Porém d'alli não sahia,  
Nem era bem conhecido  
No commercio da Bahia,  
Só onde vendia lã,  
Alguem lá o conhecia.

E o dono de um açougue  
Onde elle vendia o gado,  
O banco aonde elle tinha  
Dinheiro depositado.  
Tanto que deu-se esse crime  
E elle não foi lembrado.

Sentiu e chorou bastante  
A morte do camarada  
E não foi á missa o'elle  
Por não ser de madrugada,  
Pois só tinha uma camisa  
E essa estava estragada.

Também procurou saber  
Qual seria o assassino,  
Não sei se pelo destino  
Ou pelo proprio destino,  
Porém nunca lhe veio á mente  
Ser seu filho Valdevino.

Onde deu-se o crime haviam  
Duas estadas em cruz  
Diziam que alli acharam  
Umas flores muito azues  
Formando uma lapa egual  
A' do menino Jesus.

Os bahianos costumavam  
Desde da antiguidade  
Fazerem uma grande festa  
N'aquella localidade  
Vesperas e dias de anno  
Alli era novidade.

Na capital da Bahia  
Não havia outro festim  
Havia missa campal

Orchestra e botequim,  
Bailes n'aquellas latadas  
Cobertas de folhas e capim.

Em oitocentos e nove  
Estava a festa a terminar  
Um velho d'alli caçava  
Passou n'aquelle local,  
Atraz d'esse cachorro  
Vinha o cachorro Calar.

Abrigo-se n'uma sombra  
Vinha muito esbatido  
Foi chorar ao pé da cruz,  
Que o senhor tinha morrido  
Cheirou as das duas moças  
Depois soltou um gemido.

Estava alli o general  
O bispo e o presidente  
E o chefe de policia  
Homem muito experiente  
Todos ficaram d'aquillo  
Impressionadamente.

O general perguntou  
De quem era aquelle cão?  
Respondeu o velho Pedro,  
Este cachorro: patrão,  
E' do defuncto Oliveira  
Que Deus dê-lhe a salvação.

Este cachorro é o rei  
Dos cachorros caçadores,  
Ainda adora o lugar  
Que lhe mataram os senhores,  
Se fosse de madrugada  
Seu uivo fazia os horrores!

Disse o chefe da policia:  
Inda não se descobriu  
A morte de um patriota,  
Que tanto á patria serviu?  
Foi logo n'esse deserto,  
Em horas que ninguem viu!

Disse alli o presidente  
Se ainda se descobrir  
O autor dessas tres mortes  
Eu juro a Deus os punir,  
Serei o carrasco d'elle  
Quando elle á forca subir.

Sebastião de Oliveira  
Era um pobre acreditado;  
A familia deu exemplo,  
O filho um rapaz honrado,  
Era um bahiano distincto  
Por todo mundo estimado.

Então disse o general:  
Isso ainda é descoberto  
O crime foi muito occulto

Feito aqui neste deserto,  
Mas quando chegar o dia  
Ha de saber-se por certo.

Se eu fôr vivo nesse tempo  
Serei o algoz mais forte  
Serei um dos que o conduza  
Para o theatro da morte,  
Com a minha propria mão  
Amollo um ferro que o corte.

O cachorro ouviu aquillo  
Ergueu-se muito contente  
Foi aos pés do general  
Festejou o presidente  
Como quem dizia: o crime  
E' punido certamente.

Disse o bispo: este cachorro  
E' testemunha ocular,  
Elle viu quem fez as mortes  
Só falta é elle contar,  
Se visse o criminoso  
Podia o denunciar.

Disse o velho: este cachorro  
Fez uma cousa esquisita,  
Tinha uma cobra enroscada  
Onde mataram Angelita,  
Elle espedaçou-a a dentes,  
Quasi que se precipita.

Elle quando chega aqui  
Aos pés das cruces se lança,  
Solta uns uivos muito tristes  
Como quem pede vingança,  
Como quem pede de balde  
Sem ter a minima esperança.

Quando chega um caolheiro  
Valdevino de Amorim,  
Andava fóra, inda vinha  
Vêr se alcançava o festim  
Vinha n'um burro possante  
Alvo da côr de asmim.

Assim o cachorro viu  
Valdevino se apeiar  
Rosnou e partiu a elle  
Querendo o estraçalhar  
Só não rasgou-lhe a garganta  
Devido ao velho o pegar.

Tremia o queixo e babava  
Fitando alli Valdevino,  
Uivava como quem já  
Tinha perdido o destino,  
Só faltava era dizer :  
Eis aqui o assassino !

E foi para o pé da cruz  
Alli pegou a uivar  
Fitava os olhos no céu,

Como quem quer supplicar,  
Como quem diz oh! Deus!  
Vem que eu não posso falar!

Disse o bispo á Valdevino  
—O senhor está desconfiado,  
O senhor foi o auctor  
Das mortes d'esse deserto,  
Aquelle cachorro deu  
Um depoimento mui certo.

O moço viu o perigo,  
Fez tudo para negar.  
O bispo disse: meu filho,  
Não ha mentira em olhar,  
Os olhos são verdadeiros  
Não podem nada occultar!

Os olhos tambem se queixam ;  
Um olhar diz o que sente,  
Ameaças ou traição,  
Punição severamente,  
Declara a magua ou a dôr,  
Porém um olhar não mente.

O olhar daquelle cão  
Está demonstrando a dôr,  
O sentimento profundo  
Da morte de seu senhor,  
Elle só falta falar  
E apontar o matador.

N'aquillo duas creanças  
Que estavam em brincadeira,  
Uma d'ellas se trepou  
N'um galho da gamelleira,  
Tirando um ninho de rato  
Achou n'ella uma carteira.

O autor deve lembrar-se  
De um verso que aqui já leu,  
Veja na vespera do crime  
O que Valdevino escreveu  
Bem no tronco da gamellen.  
A carteira elle perdeu.

Alli trouxeram a carteira  
Entregaram ao general,  
O bispo disse: senhor!  
O que eu lhe disse afinal?  
Eu não lhe disse que os olhos  
Só dizem o que fôr real?!

Valdevino descobriu tudo  
Em sua interrogação.  
Calar alli demonstrou  
Ter grande satisfação;  
Pulava um metro de altura  
E rolava pelo chão.

Corria escaramuçando  
Como quem estava em folia,  
Festejava o general.

Com desmarcada alegria  
Como quem dizia: nesses  
Encontrei o que queria.

O povo todo da festa  
Quiz a Valdevino linchar  
O bispo e o presidente  
Trataram de accommodar,  
Garantindo que a justiça  
Havia de o castigar.

Sahiu preso Valdevino  
E Calar o acompanhando,  
O velho Pedro o chamando  
Mas elle nem o escutou,  
Voltou quando Valdevino  
Preso nos ferros deixou.

O general ao sahir  
Ordenou ao cosinheiro  
Que desse ao velho Calar  
Um bom lombo de carneiro,  
Porque merecia muito  
Aquelle bom companheiro

O criado deu o lombo  
Calar nem p'ra elle olhou,  
Sahiu o povo da festa  
E o lombo lá ficou,  
O cachorro veio comel-o  
A' noite quando voltou.

A mulher de Eliasario  
Sabendo o que aconteceu  
Deu-lhe um ataque tão forte  
Que ella no chão se estendeu.  
Passou a noite sem fala  
No outro dia morreu.

Valdevino, um hespanhol,  
Parente de Eliasario  
Chegando lá disse ao velho:  
Você é millionario  
Compre quatro ou cinco médicos  
Que provem que elle está varado.

Porque elle ficando louco  
Não pôde ser condemnado,  
O processo fica invalido  
Não poderá ser julgado,  
Ahi o senhor procura  
O melhor advogado.

Eliasario pensou  
Aquillo ser acertado,  
Ao contrario, Valdevino  
Ia ser executado  
E tinha toda certeza  
Elle morrer enforcado.

Dirigiu-se á capital  
Procurou o advogado,  
Esse arrumou cinco medicos,

E o réo sendo examinado  
Provaram que ha 4 annos  
Elle já era tresloucado.

O bispo e o presidente  
Consultaram ao general,  
Mandaram vir 4 medicos  
Do reino de Portugal  
E fizeram na Bahia  
Uma junta especial.

Vinheram de Portugal  
Quatro medicos escolhidos  
Que por dinheiro sen. conta  
Não seriam illudidos,  
Esses homens de character  
Jámais seriam vendidos.

E examinando ao réo  
Cada medico de per si  
Todos disseram: que nunca  
Houve tal loucura alli,  
Nem se quer nervoso havia  
Todos juraram ahi.

Fizeram novo processo  
Depois d'elle examinado.  
Estando prompto o processo  
Valdevino foi julgado;  
A sentença que pegou  
Foi para ser enforcado.

Não havia mais recurso  
Estava tudo consumado  
O réo d'alli a tres dias  
la ser executado  
Não tinha mais que appellar  
Já tinha sido julgado.

O velho quasi em delirio  
Sem nada mais conseguir  
Tentou o ultimo meio  
Afim de o filho fugir  
Mais só dos degressos da forca  
Podia se escapar.

Então soube que o carrasco  
Fra um tal Zefirino  
Um calibre mais ou menos  
Egual ao de Valdevino  
Tinha os tres dons da desgraça  
Cobarde, vil, assassino.

Era um mulato laranja  
De um aspecto aborrecido  
O côro da testa delle  
Sempre se via franzido  
Os cabellos bem vermelhos  
Rosto largo e não comprido.

Foi o velho Eliasario  
A esse tal Zeferino  
Ver se elle podia dar

Evasão a Valdevino  
Dizendo: elle pula da forca  
E depois toma o destino ..

Pegue dez contos de réis  
Que lhe dou adeantado  
E se tiver a fortuna  
D'elle não ser enforcado  
Dar-lhe-ei mais vinte contos  
O dinheiro está guardado

Então disse o Zeferino  
Isso é difficil arranjar  
Porém quando elle souber  
Eu finjo me descuidar  
Elle que vae prevenido  
Trate logo de saltar.

Disse o Zeferino ao velho  
O senhor deve apromptar  
Um cavallo bem ligeiro  
Para quando elle saltar  
Montar-se logo e correr  
Antes do povo chegar.

Eu hoje direi a elle  
Tudo que está planejado.  
—Que côr terá o cavallo  
Que ha de estar alli sellado?  
—Diga que é o poldro cobra  
Em que elle andava montado.

Valdevino quando soube  
Esta consulta que havia,  
Ficou como uma criança  
Chorou alli de alegria,  
Jurando n' o mesmo instante  
Que Calar . . . pagaria.

Então quando chegou o dia  
Estava o povo agglorinado,  
Valdevino de Amorim  
Ia ser executado,  
Tudo alli estava esperando  
Vê-lo morrer enforcado.

Presente o Estado Maior  
Que vinha presenciar,  
Subiu Valdevino á forca  
Zefirino o foi laçar,  
Porém elle se encolhendo  
Conseguiu d'alli saltar.

E sahiu como uma fléxa  
Entre o povo se metteu,  
Se montando no cavallo  
D'alli desapareceu,  
Internando-se no matto  
N'um instante se escondeu.

O povo indignou se,  
Com a fuga de Valdevino,  
Um d'aquelles que alli estava

Estrangulou Zefirino,  
Porque esse tinha dado  
Evasão ao assassino.

Porém chegou o cachorro  
Quasi na occasião,  
Soltou dois ou tres latidos  
Sahiu de ventas o chão,  
Quarenta e trez praças foram  
Tambem em perseguição.

Porém aldevino ia  
Em bom cavallo montado,  
Tinha grande desvantagem  
De não ter sahido armado,  
E Calar no rasto delle  
Gania muito vexado.

Foi preso o Eliasario  
Como auctor da evasão,  
O povo não o matou  
Por elle estar na prisão  
E o bispo que sahiu  
Pedindo á população.

Era meia noite em ponto  
Valdevino inda corria,  
O cavallo já cançado  
Que nada mais resistia  
E o cachorro Calar  
De vez em quando latia.

Valdevino conhecendo  
Que nada a elle valia  
E o cachorro Calar  
Seu rasto não deixaria  
Pensou em suicidar-se  
Só assim alcançaria.

Correu do mato apeiou-se  
E amarrou o cavallo.  
Recostando-se a uma pedra  
Sentiu alguém acordal-o,  
Nisso o cavallo soltou-se  
Elle não pôde pegal-o.

Seguiu por uma verêda  
Descalço e todo rompido,  
Chegando de vez emquando  
Calar soltar um latido,  
Foi sahir bem no logar  
Onde o crime tinha havido.

Elle viu na gamelleira  
Que sombreava a estrada  
Floriano de Oliveira,  
Angelita e Esmeralda,  
Sebastião soluçando  
A mulher delle prostrada.

Viu vir uma carruagem  
Nella vinha um magistrado,  
Que saudou os cinco vultos

Depois de ter se apeiado  
Exclamando: sangue innocente,  
Breve has de ser vingado.

Tornou a tomar o carro  
Se montando foi emborã.  
Nesse momento Calar  
Vem com a lingua de fóra,  
Festejou todos os vultos  
E partiu na mesma hora.

Um dos vultos chamou elle  
O cachorro distacou,  
Valdevino não ouviu  
O que o phantasma falou,  
Só ouviu foi dizer: volte;  
E o cachorro voltou.

O criminoso pensou  
Que alli não escaparia,  
Lembrou-se de uma pessoa  
Que morava na Bahia,  
Tinha aonde o occultar  
Que nem o cachorro via.

Era um compadre e amigo  
A quem elle protegeu,  
Que com dinheiro do pae  
Esse tal enriqueceu  
E ia sempre visital-o  
Quando a justiça o prendeu.

Valdevino calculou:  
Eu o que devo fazer  
E' ir para o quintal delle  
E por alli me esconder;  
Ou elle ou a mulher delle  
Um ha c me apparecer.

Veiu o assassino  
Chegando lá se escondeu,  
Não houve alli quem o visse  
Quando o dia amanheceu,  
O compadre veio á porta  
E elle lhe appareceu.

Valdevino lhe pediu  
Que não o deixassem morrer.  
Disse-lhe o velho Reberto:  
Tenho aonde o esconder,  
Porem ninguem mais d'aqui  
Disso poderá saber.

Quatro dias decorria,  
O assassino escondido  
Debaixo de umas madeiras  
Estava elle alli mettido  
O pae delle na cadeia  
Já ia ser concluido.

Um dia de quarta feira  
O velho Calar chegou  
A força inda estava armada

Calar alli a olhou,  
Cravando a vista no céu  
Um uivo triste soltou.

Veiu alli o presidente  
Que trouxe um pão e l' deo  
Calar olhou para el',  
Cheirou-lhe os pés e gemeu  
Botando o pão entre as mãos  
Deitou-se alli e comeu.

Chegou a força do matto  
Não trazendo o criminoso,  
O general com aquillo  
Ficou muito desgostoso.  
Até o governador  
Ficou doente e nervoso.

O povo ao redor da força  
Só fazia lamentar  
Que o pae do assassino  
Devia se executar,  
Tudo pedia ao governo  
Que o mandasse enforcar.

O cachorro levantou-se  
Como quem estava caçando,  
Foi á casa de Roberto,  
Na porta ficou uivando,  
Olhava para Roberto  
Partia a elle rosnando.

O general com aquillo  
Ficou bastante nervoso,  
E disse ao governador  
Eu estou muito receioso,  
Que alli naquela casa  
Está occulto o criminoso.

Então a força cercou  
Toda a casa de Roberto  
O cachorro só faltava  
Era dizer está ber. perto  
O general disse a elle :  
O senhor está descoberto. . .

Roberto alli descobriu  
O assassino onde estava  
Debaixo de umas madeiras  
O monstro se conservava  
Foi levado ao pé da forca  
Onde o povo o esperava.

Contou tudo o que se deu  
Antes de ser enforcado  
Os vultos que viu na cruz  
A quem tinha assassinado  
O segredo do cachorro  
E o carro do magistrado.

A's cinco horas da tarde  
A justiça o enforcou  
O pae delle estava preso

Assim que o sino dobrou  
Elle soltando um suspiro  
Não falou mais, expirou.

Estando morto o assassino  
O botaram sobre o chão  
O cachorro o olhou ber.  
Chamando tudo a zilênção  
Soltou dois ou tres latidos  
Que espantou a multidão.

Quando a justiça ordenou  
Ser o corpo inhumado,  
Sobre os pés do general  
Calar cahiu mui cançado,  
Talvez querendo dizer :  
General, muito obrigado.

O general foi ver agua  
Ao cachorro offereceu,  
Alli o velho Calar  
Dois litros d'agua bebeu,  
Trouxeram-lhe uma fritada  
Porém elle não comeu.

Festejando o general  
As pernas delle abraçou  
Dirigiu-se ao presidente  
Essa mesma acção obrou.  
E alli desapareceu  
Novo destino tomou.

Foi direitinho ao logar  
Que o crime horrendo se deu,  
No pé da cruz de Angelita  
Elle cavou e gemeu,  
O velho Pedro chamou-o,  
Mas, elle não attendeu.

Deitando-se entre as tres cruces  
Sua vida terminou,  
Nas condições do guerreiro  
Que da batalha chegou,  
Trazendo os louros da guerra  
A' sepultura baixou.

O general quando soube  
Que Calar era sumido,  
E que faziam tres dias  
Que não era apparecido.  
Mandou gente procural-o  
Ficando muito sentido.

Sahiram cinco ou seis praças  
Em procura de Calar  
O general tinha dito  
Não voltem sem o achar,  
Tragam elle direitinho  
Não o façam maltratar.

As praças foram ao logar  
Onde o crime tinha havido,  
Onde a familia Oliveira

Tinha toda succumbido,  
Bem no pé de uma das cruces  
Tinha o velho cão morrido.

Tinha posto termo á vida  
O maior dos luctadores,  
O que em sua existencia  
Viu o horror dos horrores,  
Que sem falar descobriu  
Quem matou os seus senhores.

O general quando soube  
Da fórma que o tinham achado  
Mandou fazer uma cova  
E nella foi enterrado  
Um dos amigos mais firmes  
Que o mundo tinha criado.

E na morte dos senhores  
Elle affirmou ter acção,  
Provou que tinha amizade  
Ao velho Sebastião.  
A morte só foi vingada  
Por sua perseguição.

Só não fez foi dizer nada,  
Mas, provou por sua vez,  
Apontou só com a vista  
O monstro que o crime fez,  
Seus olhos diziam ao publico  
Esse matou todos tres!...

Deitou-se encostado á cruz  
Que tinham edificado.  
Havia morrido ha tres dias  
E nem sequer estava enchado,  
Como quem dizia : agora,  
Posso morri - estou vingado.

Um de duzentas pessoas  
Assistiram enterrar elle.  
Devido a grande firmeza  
Que tinha se visto nelle,  
Muitas flôres naturaes  
Deitaram na cova delle.

Agora vejam leitores  
Quem era o velho Calar  
E como o Sebastião  
Um dia o poude achar,  
Elle tinha quinze dias  
O dono o ia matar.

Então o velho Oliveira  
Achou ser uma ingratição,  
Matar aquelle innocente  
Embora tósse elle um cão,  
Porém disse : a caridade  
Não se faz só a christão.

E levou-o para casa  
Disse á mulher que o criasse,  
Dizendo póde ser bom

E algum dia ainda cace.  
Quando nada, da fazenda,  
Talvez os bichos espantasse.

Calar criou-se e cresceu  
E era um: cão caçador,  
Maracajá e raposa  
Tinham delle grande horror,  
Passavam por muito longe  
Da fazenda do senhor.

Era a vigia da noite,  
Um minuto não dormia,  
Numa cousa que guardavam  
O velho cão não bolia,  
Só quando os donos lhe davam  
Era que elle se servia.

A familia de Oliveira  
Muitas vezes a conversar  
O velho dizia aos filhos :  
Este cachorro Calar,  
Tem expressões de pessoa  
Que conhece o seu logar.

Em casa do dono delle  
De noite nada chegava,  
Um bacuráu que voasse  
Calar se erguia e ladrava,  
Do poleiro das gallinhas  
Os morcêgos espantava.

Como elle era muito bom  
O dono sempre caçava,  
Porem a visinho algum  
A' noite elle acompanhava,  
Só sahia para o matto  
Quando o senhor o chamava.

Depois de terem morrido  
Os senhores de Cala,  
O pobre cão toda noite  
Ia para aquelle logar,  
Oitava para as tres cruces  
Levava a noite a uivar.

Latia e fitava o céu  
Que a tudo causava dó,  
Via sangue no capim  
Elle cobria com pó,  
Ia embora para a casa  
Passava o dia alli só.

O velho Pedro dos Anjos  
Vizinho de Sebastião  
Achou que aquelle animal  
Merecia compaixão,  
O chamou para não vê-lo  
Morrer lá sem remissão.

O velho Pedro caçava  
Toda a noite com Calar,  
Mas, elle só ia á caça

Depois que ia ao logar,  
Aos pés d'aquellas tres cruces  
Não deixava de uivar.

Morreu o velho Calar  
Ficou tambem descansado,  
Era um cão porém deixou  
O nome immortalizado,  
Morreu depois de vingar  
Quem já o tinha livrado.

Reitor não levantei falso  
Escrevi o que se deu,  
Aquelle grande successo  
Da Bahia aconteceu,  
Da forma que o velho cão,  
Ficou morto sobre o chão  
Onde seu senhor morreu.

Recife—1911

FIM



## Recordações

Erámos, ella e eu, ambos creanças,  
Voavamos em azas de esperanças,  
Cheios de vida e mocidade,  
Persevamos os primeiros raios do sol  
Escutando cantar o rouxinol  
Olhando a immensidade.

Ella, tinha talvez uns nove annos,  
Vinha olhos celestes, soberanos,  
Cabellos como a tela.  
A brisa osculava aquelle rosto,  
Os ultimos raios do sol posto  
Se namoravam della.

Eu e ella, a tarde nas campinas  
A' tirar as flores das boninas  
Que alli no campo havia,  
A desfolhar os ramos das violetas,  
Atraz das douradas borboletas,  
Como louco eu corria.

Quando à tarde o sol ia morrendo,  
O jurity saudoso ia gemendo  
Em procura do lar,  
O camponez voltava do trabalho,  
A abelha timida do orvalho  
Ia se agasalhar.

Nós tambem procuravamos nossas casas  
Como a rola que a sol posto bate azas  
E vae procurar no ramo,  
Eu dizendo, escuta oh! Maria;  
Amanhã quando amanhecer o dia  
Eu vou lá e te chamo.

Ella com o rostinho encantador  
Dizia-me sorrindo, sim senhor,  
O espero amanhã,  
Hoje mesmo ajunto meus brinquedos  
Para irmos áquelles arvoredos  
Vou pedir a mamã.

No outro dia, á fresca madrugada  
Já me encontrava descalço na estrada  
Atraz dos pyrilampos,  
Eu ia acordar e lhe dizia  
Já são horas levanta-te Maria  
Vem ver que bellos campos.

Reboavam atravez daquella serra  
Rochos que enchiam toda terra,  
Como som de trovoadas  
Toda eram homens que caçavam  
Eulminando mattas aos cães gritavam  
E vinham da caçada.

## Atenção

---

COM VISTAS AOS DRS. CHEFES  
DA POLICIA DOS  
ESTADOS DO PARÁ E CEARÁ

Já se achava este folheto em composição quando chegou ao meu conhecimento que em Belem do Pará, um individuo de nome Francisco Lopes e no Ceará um outro de nome Luiz da Costa Pinheiro, têm criminosamente feito imprimir e vender este e outros folhetos do Sr. Leandro Gomes de Barros, sem a menor auctorização da minha parte que sou o legitimo dono de toda a obra litteraria desse poeta. Chamo pois a atenção dos Drs. Chefe de Policia dos Estados acima réferidos para pôrem termo a essas infracções e procederem contra esses individuos, infractores do Art 345 do Codigo Penal, emquanto que por lá chegue eu legitimamente documentado conforme exigem os artigos 649 e subsequentes do Capitulo VI do Codigo Civil.

PEDRO BAPTISTA.

Guarabira, Agosto de 1919.

## A VISO

---

Avisamos aos srs. negociantes que temos em deposito grande sortimento dos seguintes artigos:

--Livros em todos os generos e de auctores adoptados, ardosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata-ferrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de calligraphia vertical e americana, noções de desenho e pintura, borrachas, furadores para papel, palhetas para instrumentos, giz marca "E. E. phante" para bilhar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado, cordas para violão e bandolim, quadros, molduras e estampas, etc, etc.

—Todos estes artigos encontram-se á venda pelos preços mais baratos possiveis

NA LIVRARIA

Pedro Baptista

GUARABIRA

F O L H E T O S  
— DE —  
**Leandro Gomes de Barros**  
A' VENDA NA LIVRARIA  
**Pedro Baptista**

A Forçada Amor.  
A Morte de Alonso e a Vingança de Marina  
A Filha do Pescador.  
O Mal em Paga do Bem. (Hist. de Resae Lino  
A Vida e o Testamento do Canhão de Fogo  
A Mulher roubada.  
O Principe e a Fada  
Hist. da Donzella Theodora  
Hist. de Branca de Neve  
Hist. de João da Cruz  
O Boi Misterioso  
O Cachorro dos Mortos  
Os Sofrimentos de Alzira  
O Reino da Pedra Fina  
A Índia. Hist. de Caboclo Bravo  
A Orphã  
A Vingança de um Filho  
A Vida de Pedro Cam  
A Vida completa de João Lezo  
O Nascimento de Antonio Silvino  
A Vida e os Sermões do Padre Cicero  
A Batalha de Ferrabrás e a Prisão de Olivei-  
ros. Tirados do livro de Carlos Magno

Composto e impresso na Typ. da LIVRA-  
RIA PEDRO BAPTISTA — Guarabita.